



LULA (DE TERNO) E COMPANHEIROS
DURANTE ENCERRAMENTO DA
CAMPANHA DO PT NO ABC PAULISTA

Lula

DEVOLTA ÀS ORIGENS

Eleição Presidencial
137
Reportagem 0040

Alberto Ramos, Armando Mendes e Ricardo Leopoldo
Da Equipe do **Correio**

São Bernardo do Campo (SP) — Orlando Targino, potiguar de 51 anos, fresador, Renato “Minhoca”, paulista de 50 anos, mandrilador, e José da Silva Lemos, cearense de 46 anos, torneiro mecânico, saíram ontem direto do trabalho para a praça da matriz de São Bernardo, cidade industrial da Grande São Paulo. Ainda vestindo os macacões azuis com a logomarca da TM Bevo, fábrica de máquinas operatrizes, postaram-se na escadaria da igreja, ao pé do palanque, ao lado de outros metalúrgicos do ABC, como se fizessem uma guarda de honra para o último comício da campanha presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva.

“Me deu vontade de chorar”, confessou “Minhoca”, um senhor de cabelos grisalhos rareando e olhos azuis brilhantes. “A gente fica até arrepiado de ver isso”. O cearense José, moreno e atarracado, engasgou-se um pouco ao tentar relatar o que sentira ao ver o antigo colega metalúrgico discursar como candidato favorito à Presidência da República na praça onde participaram juntos de tantas manifestações e assembleias. “Isso é fora de série”, foi só o que conseguiu dizer.

“A gente tomava cerveja com ele depois das reuniões no sindicato...”, admira-se Orlando Targino, o potiguar magro de ar sisudo e óculos. “Cerveja e pinga mesmo”, esclarece José, a bem da precisão. Outro companheiro de fábrica, Osvaldo Marques, 44 anos, aproxima-se e define o que representa para estes veteranos operários a perspectiva de ver Lula na presidência: “É alguém que sabe o que é um fim do mês de trabalhador”.

O último grande ato da campanha do PT foi assim: repleto de evocações simbólicas da história operária do partido. O partido, que nesta disputa aliou-se pragma-

ticamente a empresários de peso e políticos conservadores, buscou ontem reavivar suas cores de origem com um retorno ao lugar onde sua história começou.

A festa atrasou uma hora e meia. A multidão portando bandeiras vermelhas se aglomerou na porta do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, que Lula presidiu de 1975 a 1980. Saiu em caminhada às 17h30, tendo à frente Lula, a mulher Marisa, a prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, e os candidatos do partido ao Senado e ao governo estadual, Aloisio Mercadante e José Genoíno. Como convidado especial, também caminhando, o governador de Minas Gerais, Itamar Franco, que foi declarar apoio ao candidato petista.

A presença do governador mineiro causou alguma estranheza entre os militantes. “Aquele não é o Itamar, de Minas?”, perguntou o ex-metalúrgico José Lourival dos Santos, um operador de guilhotina demitido da fábrica em que trabalhava há três anos. “É, mas ele não estava outro dia mesmo num encontro com o Fernando Henrique Cardoso?”, respondeu perguntando o amigo Fábio Pereira de Souza, de 22 anos e também desempregado. “Estava, mas vale o apoio, né?”, conformou-se o primeiro.

A multidão de cerca de dez mil pessoas, segundo a organização, subiu a rua Marechal Deodoro até a igreja matriz, a um quilômetro dali. Era na catedral que os militantes se escondiam para fugir dos cassetes da polícia no final dos anos 1970 e começo da década seguinte, anos de repressão dura ao nascente movimento sindical que projetaria nacionalmente Lula. Na frente da igreja, aconteceu o comício que emocionou os metalúrgicos Orlando, José, Renato e Osvaldo.

Emocionou também o candidato, que prometeu, no início do discurso, não chorar, lembrando que tinha “aberto o bico” numa visita à fábrica da Volkswagen — onde trabalhara como torneiro —, no começo

da campanha. Em vão. Minutos depois, Lula caiu no choro no meio da frase em que advertia para que “ninguém, nunca mais, ouse duvidar da classe trabalhadora brasileira”. O discurso de petistas e metalúrgicos que tentava justificar o novo PT, menos radical e mais pragmático, estava na boca do povo. “É justo. Ele não vai governar sozinho”, explicava a comerciante Luiza Maria de Farias, de 64 anos. Conhecida no ABC como “Tia”, ela se confunde com a história do sindicalismo. “Tia” comanda a lanchonete do sindicato há 30 anos.

“Falei com Lula há 15 dias. Ele disse que vai me levar para Brasília. E eu vou”, disse. Amiga do líder sindical há três décadas, ela sabe que Lula é fã dos quibes que faz. “Ver Lula presidente é o sonho da minha vida”, diz.

“Tia” confessa que foi uma mulher briguenta. Chegou a ser presa, nos anos 70, por bater num policial durante um piquete na empresa Brastemp. O marido dela José Lopes, morto há oito anos, era metalúrgico e queria furar uma greve. “Atirei uma pedra no pé dele, só para ele não ir trabalhar”, lembra.

Hoje os tempos são outros. Empresários que apóiam Lula foram tratados como companheiros na caminhada e no comício. Estavam lá Oded Grajew, da Fundação Ethos; Lawrence Pih, do Moinho Pacífico; José Pessoa de Queiroz, usineiro de açúcar; e Antoninho Marmo Trevisan, da empresa de auditoria Trevisan & Associados. “Este é o momento mais feliz da minha vida”, comentou Trevisan, ao lado de João Felício, presidente da Central Única dos Trabalhadores. “Veja, capital e trabalho unidos por uma causa que vai unir o Brasil, na busca de uma economia mais justa”.

LEIA ENTREVISTA
EXCLUSIVA DE LULA AO
CORREIO NA PÁGINA 13

“
Esta é a coisa mais
simbólica que
aconteceu
na minha campanha

Se Deus quiser, nós
vamos ter um
metalúrgico torneiro
mecânico na
Presidência do país
mais importante da
América Latina

Nem sempre será
possível fazer tudo o
que queremos, mas
você podem ter
certeza de que o
presidente não terá
medo de vir a um
encontro como este
para dizer que não é
possível fazer alguma
coisa

Meu maior orgulho é
que eu sou o
resultado não da
minha inteligência,
mas do grau de
consciência da classe
trabalhadora
brasileira

Que ninguém, nunca
mais, ouse duvidar da
classe trabalhadora
brasileira...
(chorando)